

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Janeiro de 2022

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	2
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA.....	5
CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO	8
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO	12
METODOLOGIA.....	14

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses (ICF) acelerou o movimento de recuperação ao avançar 6,06% diante do mês anterior, segunda alta consecutiva. No comparativo anual, o crescimento foi de 2,02% e interrompe vinte meses de sucessivas quedas. Apesar do resultado positivo, a insatisfação das famílias segue em níveis extremamente baixos, ao situar-se em 53,0 pontos, a terceira menor do país.

O resultado positivo do mês alcançou a maioria dos componentes do ICF, com destaque para a elevação das Perspectivas Profissionais em 10,63%, sendo o indicador com menor impacto da pandemia. Ainda, a recuperação do mercado de trabalho formal catarinenses favorece a elevação do componente Renda Atual, alta de 8,28% diante do mês anterior. Entretanto, a renda está sendo impactada pela aceleração dos preços, que atingiu em janeiro de 2022 alta em cerca de 73,21% dos produtos da cesta do IPCA, por isso, o indicador Nível de Consumo atual permanece no 2º menor patamar da série histórica, em 7,5 pontos.

No mês, o único indicador com perdas foi as expectativas futuras quanto ao consumo, com queda de 1,2%, a terceira consecutiva. No ano passado, o movimento positivo das perspectivas futuras amorteceram impactos maiores sobre o ICF, e a reversão desse cenário pode comprometer ainda mais a retomada do consumo das famílias catarinenses.

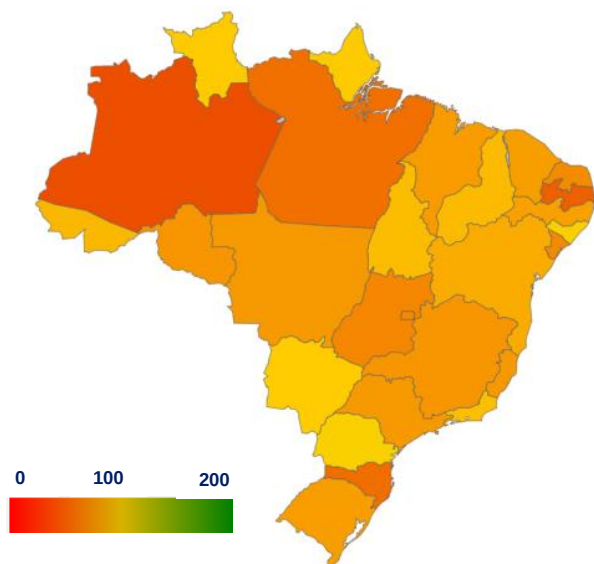
O movimento de retomada econômica e o avanço da imunização foram insuficientes para recuperar os níveis de satisfação dos consumidores pré-pandemia, assim, todos os componentes do ICF seguem com variação negativa em relação a fevereiro de 2020, inclusive, estão em patamar pessimista. A maior perda está no nível de consumo atual das famílias, com diferença negativa de 91,9%.

Intenção de Consumo das famílias acelera recuperação no início de 2022

O indicador ficou em 53,0 pontos numa escala de 0 a 200

Santa Catarina							
Indicadores	fev/20	jan/21	dez/21	jan/22	VARIAÇÃO MENSAL	VARIAÇÃO ANUAL - Igual período	VARIAÇÃO ANUAL - Fev.2020 (pré-pandemia)
Emprego Atual	123,5	64,1	56,1	58,5	4,14%	-8,74%	-52,7%
Perspectiva Profissional	143,2	69,3	77,1	85,3	10,63%	23,07%	-40,4%
Renda Atual	121,3	66,0	66,6	72,1	8,28%	9,23%	-40,6%
Acesso ao Crédito	110,0	55,6	50,0	53,9	7,71%	-3,10%	-51,0%
Nível de Consumo Atual	92,2	29,6	7,5	7,5	-0,09%	-74,82%	-91,9%
Perspectiva de consumo	111,1	48,3	52,3	51,6	-1,17%	7,02%	-53,5%
Momento para duráveis	83,2	29,0	40,2	42,1	4,77%	45,35%	-49,4%
ICF	112,1	51,7	50,0	53,0	6,06%	2,52%	-52,7%

Índice do ICF por Estado – Jan. 2022

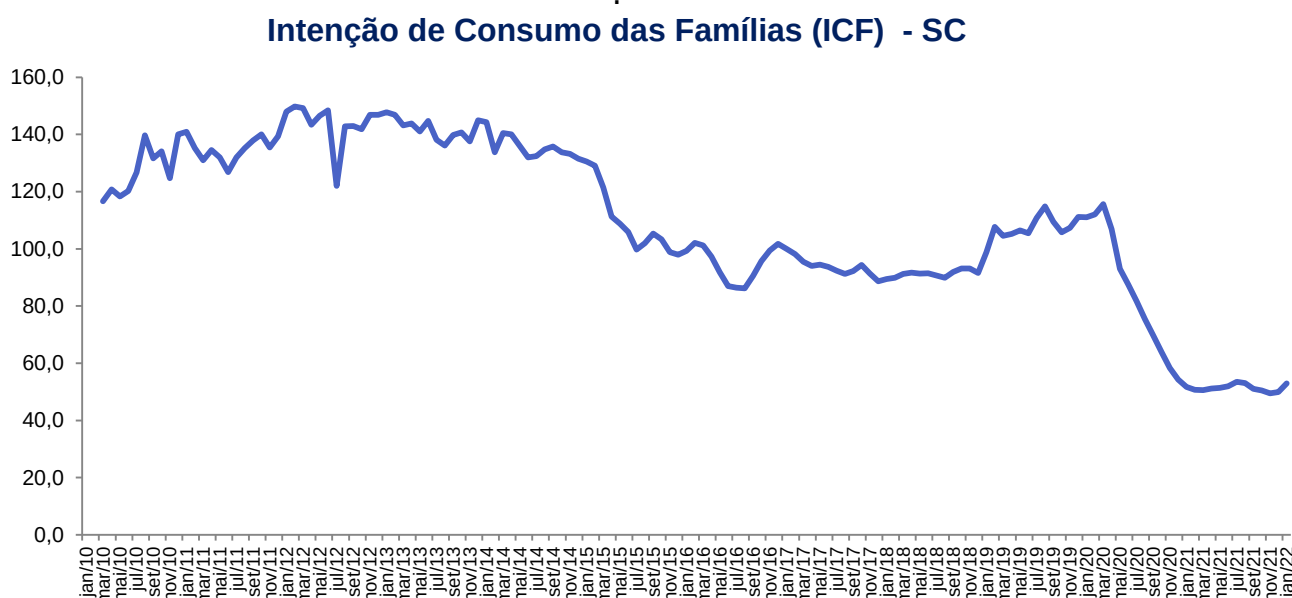


A Intenção de Consumo das Famílias (ICF) encerrou 2021 no segundo menor nível desde o início da série histórica, iniciada em janeiro de 2010, mas, a tendência é de recuperação. Em janeiro de 2022, a trajetória de retomada foi acelerada com o avanço de 6,06% diante do mês anterior, segunda alta consecutiva após variar 0,9% em dezembro do ano passado. Embora o resultado seja positivo, a deterioração do consumo durante a crise foi muito elevada, assim, a intenção segue 52,7% abaixo do período pré-crise e em patamar pessimista ao situar-se em 53,0 pontos. Ainda, em treze anos da série histórica, esse é o segundo período onde todos os indicadores do ICF estão em patamares negativos no início de um ano, panorama idêntico a janeiro de 2021.

Nota-se que o cenário dos demais estados é similar a Santa Catarina em janeiro, já que somente dois estados (Paraná e Alagoas) estão acima dos 100 pontos, ou seja, a maioria deles estão situados no nível pessimista. Esse é um sinal de muita insegurança das famílias e das dificuldades ocasionadas pela aceleração dos níveis de preços e do

aumento das taxas de juros, que corrói o poder de compra, limitando o consumo e o crescimento econômico

No comparativo anual, o mês marca a reversão do movimento negativo que ocorria desde maio de 2020 ao crescer 2,5%, ou seja, foram vinte meses de sucessivas quedas. Esse resultado se deve às diferenças dos cenários epidemiológicos de 2021 e 2022 e a retomada das atividades econômicas. O panorama mais favorável do início de 2022 é reforçado pelo crescimento da maioria dos indicadores que compõem o ICF- apenas o índice de consumo, tanto o atual quanto o de perspectivas, tiveram quedas de 0,09% e 1,17%. O consumo das famílias torna-se o principal desafio para 2022 devido à alta dos preços e dos juros.



De outro lado, o movimento positivo na passagem do mês foi refletido, principalmente, nos indicadores de Perspectiva Profissional (10,63%) e Renda Atual (8,28%), condições fortalecidas pela alta na geração formal de postos de trabalho no Estado. O equilíbrio orçamentário das famílias catarinenses, devido ao baixo nível de endividamento, pode estar elevando o Acesso ao Crédito, que cresceu 7,71% diante do mês anterior.

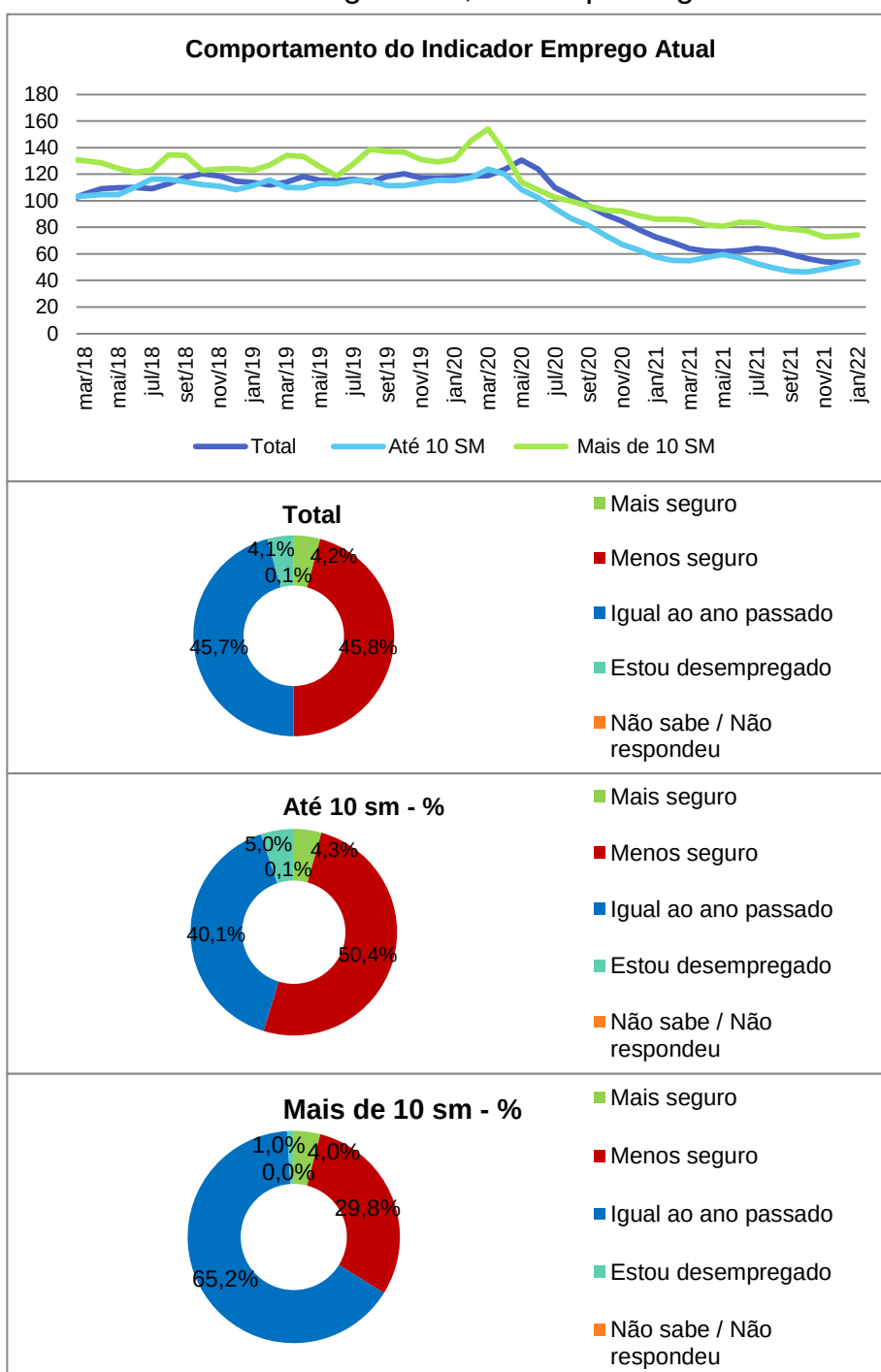
A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias permite avaliar tanto a situação atual quanto às expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo em Santa Catarina. Também é possível analisar os dados conforme recorte de faixa de renda familiar menor ou maior que 10 salários mínimos (SM).

MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA

A expectativa das famílias para o **Emprego Atual** mantém movimento de retomada após atingir a mínima histórica no mês de outubro de 2021. Desde esse período, a trajetória é de crescimento e chegou a 4,1% na passagem do mês. O resultado positivo foi insuficiente para modificar a condição dos consumidores, que continua pessimista, ao situar-se em 58,5 pontos – numa escala que vai de 0 a 200.

Ao analisar o mesmo período do ano anterior, o índice segue em tendência negativa pelo 21º mês consecutivo, ao cair 8,7% diante de janeiro de 2021 e está 52,7% abaixo do nível pré-crise (fevereiro de 2020). Durante todos os meses de 2021 as famílias estavam inseguras e com perspectivas negativas quanto ao emprego atual. Essa condição é a primeira vez que ocorre desde o início da pesquisa, mesmo nas crises anteriores, as famílias apresentaram momentos otimistas quanto ao emprego.

O mercado formal de emprego no Estado avançou fortemente em 2021 e recuperou grande parte dos postos de trabalho, ao criar 167.854 novas vagas de emprego, o quinto melhor resultado em número absoluto dentre as unidades da federação. Esse resultado é visível na queda da taxa de

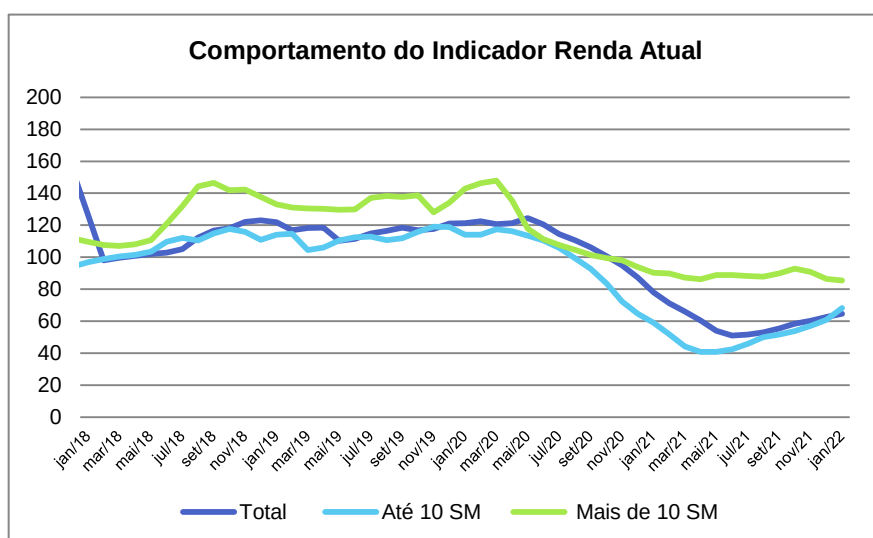


desocupação em Santa Catarina, passando de 5,8% para 5,3% no terceiro trimestre de 2021 e também na quantidade de desempregados que responderam a pesquisa. Em janeiro de 2021, 9,8% dos entrevistados indicavam estar nessa situação, enquanto neste ano o resultado foi de 4,1%.

Entretanto, ainda 45,8% dos entrevistados indicam que estão menos seguros na permanência do Emprego Atual e apenas 4,2% se sentem mais seguros no emprego. Em janeiro do ano passado, 13,3% afirmaram estar mais seguro no emprego, queda de 9,1 p.p. A insegurança das famílias quanto à manutenção do emprego é um indicativo da continuidade da crise e das incertezas sobre a manutenção da retomada econômica. Além disso, o aumento da insegurança também está relacionado ao fim do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda.

Com relação às faixas de renda analisadas na pesquisa, a tendência acompanha o indicador principal quanto ao grau pessimista das famílias. O impacto do emprego no grau de satisfação parece ser mais sentido para as famílias com renda abaixo de 10 SM, que apontou no mês 53,9 pontos, aumento de 5,29% frente ao mês anterior. Já para a faixa acima de 10 SM o índice é de 74,2 pontos, alta de 1,38% diante de dezembro. Apesar de ambos estarem em patamar pessimista em termos absolutos, a maioria das famílias com renda maior indicam condição equivalente ao ano passado (65,2%) para a permanência no emprego atual, enquanto 50,2% com renda menor afirmam estar menos seguros.

O **indicador da Renda Atual**, ao crescer 8,3% na passagem do mês, acelerou a trajetória positiva, que permanece por nove meses sucessivos. Esse resultado foi o melhor da série histórica, iniciada em 2010. O movimento é o mais consistente dentre todos os componentes do ICF, por isso, o índice é o segundo menos afetado pela crise entre os demais componentes do ICF. Entretanto, o resultado ainda é insuficiente para modificar o patamar pessimista do índice (72,1 pontos), assim, o índice está 40,6% abaixo do nível pré-pandemia. Na variação anual, a renda atual reverteu a trajetória de negativa que vinha por vinte meses sucessivos, ao crescer 9,2% diante de janeiro de 2021.

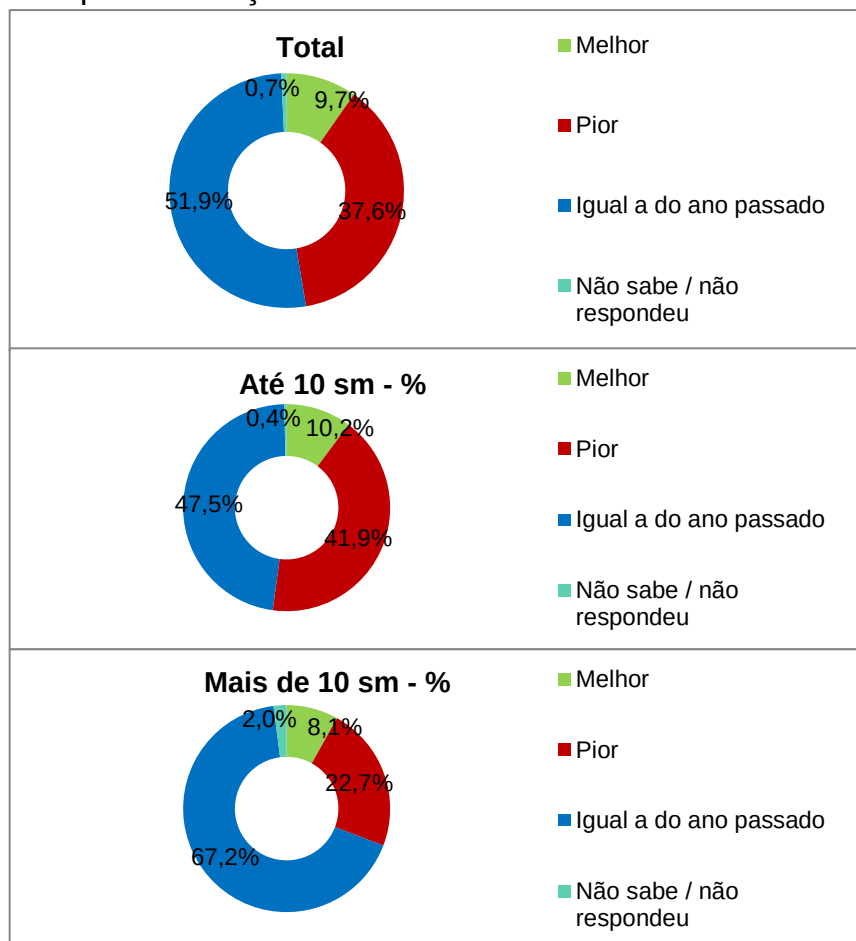


A criação dos postos de trabalho reforça a renda das famílias catarinenses, mas, observa-se que o avanço da renda não está sendo revertido na ampliação do consumo atual, que sofre a maior deterioração dentre os indicadores. Essa condição está associada às pressões inflacionárias, que encerrou janeiro de 2021 com alta acumulada de 10,38% e atingindo 73,2% da cesta de produtos do IPCA com aumento de preços. Portanto, mesmo com a ampliação da renda, a inflação alta reduz o poder de compra e freia o processo de retomada econômica.

Apesar da evolução no indicador, nota-se que o caminho para reverter as perdas da pandemia ainda é longo. São 37,6%

dos entrevistados indicando estar com renda pior que no ano anterior, resultado muito superior ao registrado em fevereiro de 2020- naquele momento cerca de 21,9% das famílias afirmaram ter renda pior. Cenário equivalente para as famílias com renda melhor: antes da pandemia esse grupo era predominante entre os entrevistados (43,3%), já em janeiro de 2022 foi de apenas 9,7%.

Ao analisar as faixas de renda, o impacto no indicador de renda atual é mais acentuado para as famílias com renda até 10 SM. Esse resultado é visível na manifestação de 67,2% das famílias com renda acima de 10 SM, que afirmam ter renda equivalente ao ano anterior, enquanto 47,9% das famílias com renda menor que 10 SM indicam piora na renda.

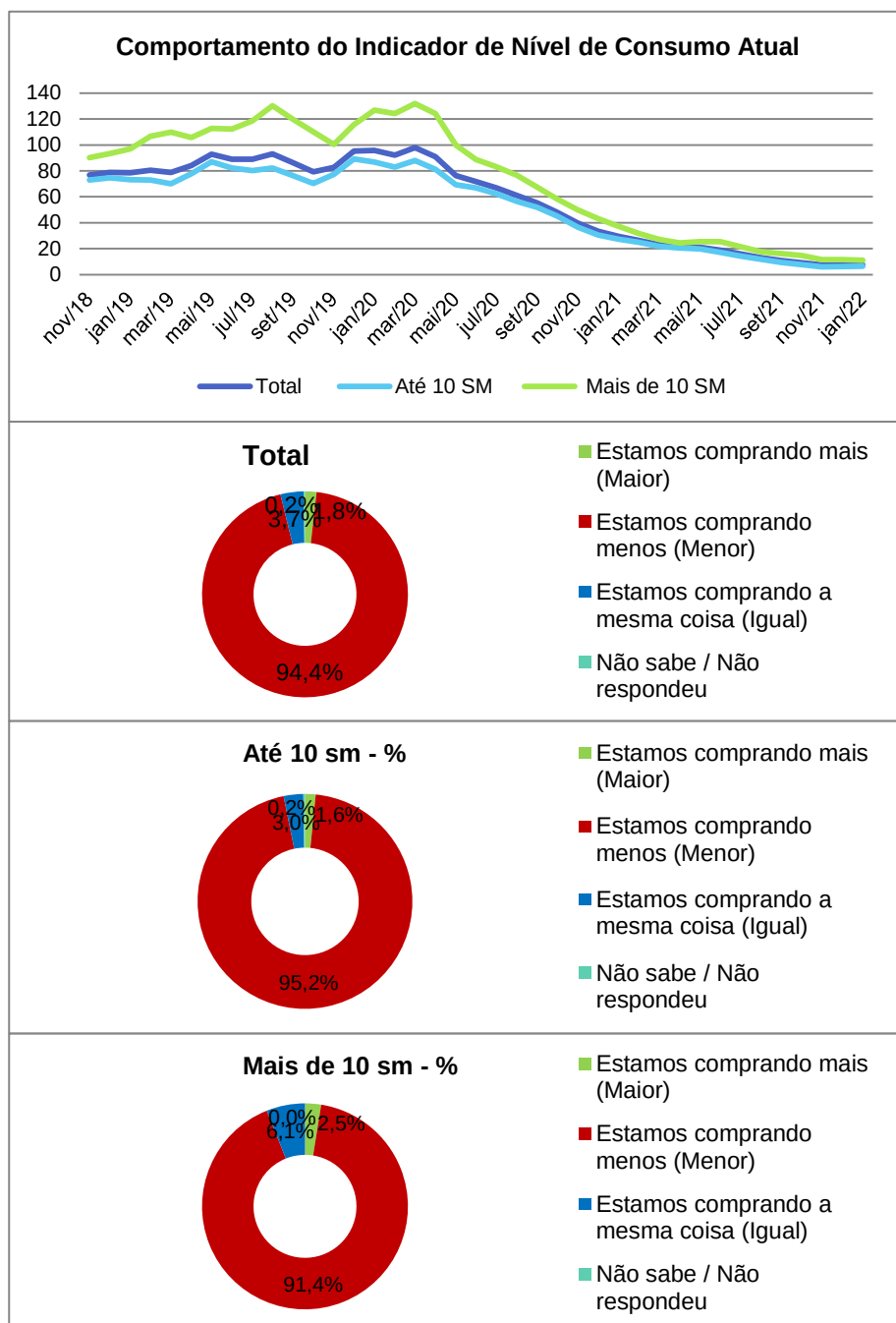


CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO

O indicador do **nível de consumo atual** não apresentou variação na passagem do mês, após interromper movimento de queda que durava por vinte meses consecutivos, assim, o cenário negativo persiste em termos absolutos ao situar-se em 7,5 pontos, o 2º menor da série.

Este é o componente com maior impacto negativo do ICF, com perdas de 74,8% na comparação com janeiro de 2021 e 91,9% diante de fevereiro de 2020 (pré-pandemia). No ano passado, o índice sofreu forte deterioração, com média mensal negativa de 11,5%, assim, renovou a mínima histórica por quatorze meses consecutivos, o maior ciclo entre os indicadores do ICF na história da pesquisa.

Nota-se que o impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, além disso, também está em ciclo de mínimas históricas neste mês em termos absolutos, alcançando 6,4 pontos na menor renda (3º menor da série) e 11,1 pontos na maior, renovando o menor nível da série.

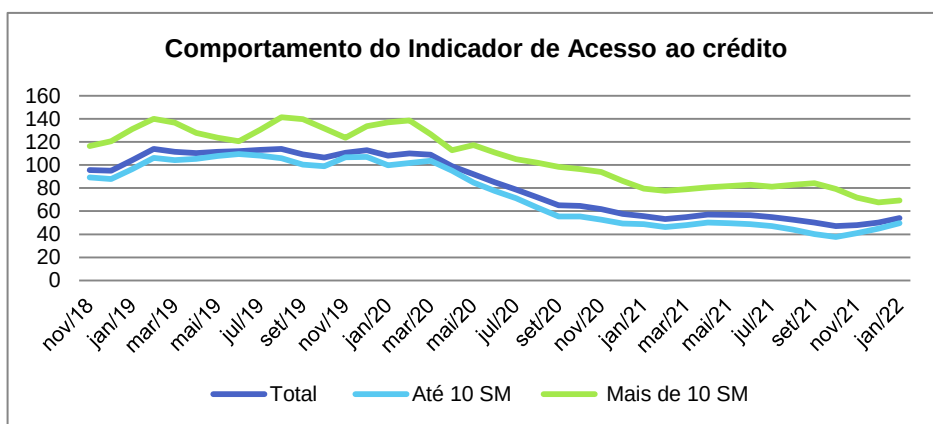


A aceleração na deterioração do consumo atual também é visível nas respostas dos consumidores. A pesquisa aponta que 94,4% dos consumidores relatam estarem comprando menos do que antes, equivalente em relação ao mês anterior e apenas 1,8% afirmam estarem comprando mais que antes. Valores opostos na comparação com o período pré-crise, onde 36,8% das famílias indicavam estarem comprando menos do que antes e 29,0% comprando mais.

Com relação às faixas de renda, esse cenário é equivalente para ambos os grupos. Pelo menos 91,4% dos entrevistados com renda acima de 10 SM relatam estarem comprando menos que antes e 95,2% para famílias com renda abaixo de 10 SM também indicam menos compras. A queda no consumo está relacionada aos impactos inflacionários, que corrói o poder de compra dos consumidores. Esse resultado é preocupante e indica que a retomada econômica pode ser freada se a intenção foi confirmada. No comércio varejista observa-se essa situação no segundo semestre de 2021. Apesar do volume de vendas ser positivo no acumulado de 2021, a trajetória de recuperação perdeu fôlego no decorrer do ano e a partir de julho as vendas começaram a retrain. Entre janeiro e julho a média de crescimento mensal ficou em +2,1%, mas após este período, a variação média foi negativa em 3,0%.

O componente de **Acesso ao Crédito** acelerou movimento positivo ao crescer 7,7% na passagem do mês. Esse é o terceiro crescimento sucessivo, logo depois de atingir o menor patamar da série histórica em outubro (47,1 pontos). Depois desse resultado, a trajetória foi cessada em novembro com o crescimento de 1,7% e acelerada em dezembro com alta de 4,5%. O resultado do mês não possibilita identificar mudança de tendência do indicador, que permanece sinalizando perspectiva negativa para o acesso ao crédito ao situar-se em 53,9 pontos.

No comparativo anual a tendência negativa é mantida, com queda de 3,1% em relação ao ano anterior e o índice está a 51,0% do patamar pré-crise. O cenário de dificuldades do crédito está atrelado em parte ao aumento na taxa SELIC que ocorre desde março deste ano, que resultou na elevação da taxa de 2,0% para 10,75% ao ano, acréscimo de 8,75 p.p. em um intervalo de menos de um ano. No âmbito das expectativas de mercado, o aperto monetário deve ser intensificado até atingir 11,75% em 2022. No caso do IPCA, as expectativas de



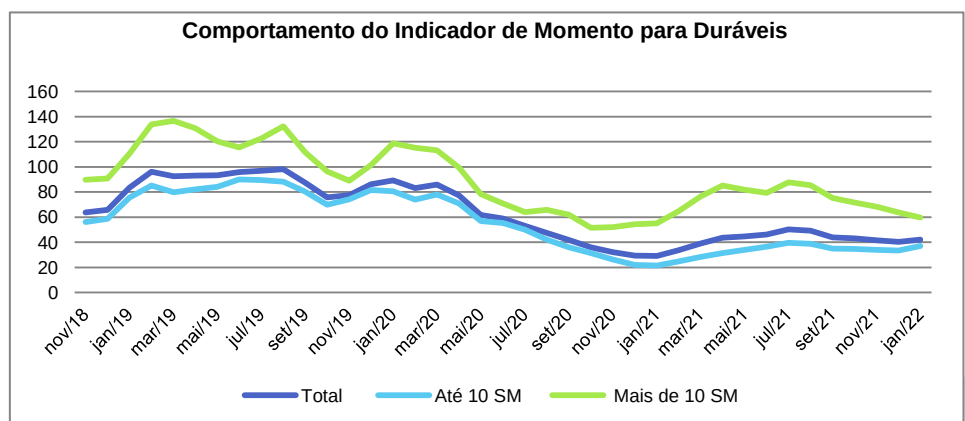
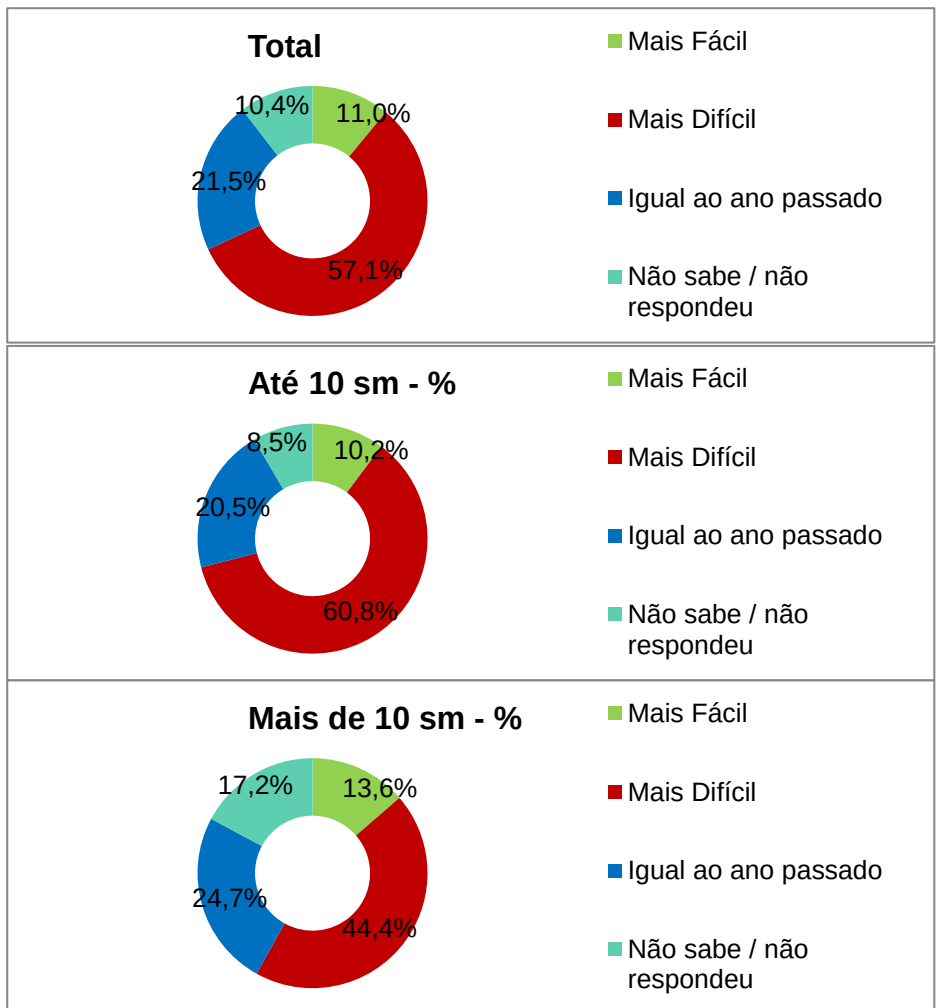
2022 são de redução na comparação com 2020, mas também superior ao teto da meta, estimada pelo mercado em 5,38

Apesar da elevação das taxas de juros sugerir maior restrição ao crédito, o avanço nesse indicador pode estar ligado à ampliação da liquidez no sistema financeiro para novos empréstimos e financiamentos, medida econômica realizada no início da pandemia, mas que ainda persiste. Além disso, as famílias catarinenses estão apresentando equilíbrio orçamentários durante o ano de 2021, resultado demonstrado na pesquisa de endividamento e inadimplência realizada pela entidade. Esses fatores impulsionaram a

probabilidade de acessar o crédito ou realizar compras de bens e serviços de forma parcelada.

A proporção das famílias que acreditam que comprar a prazo está mais difícil teve redução de 2,9 p.p na passagem do mês, alcançando em janeiro 57,1% dos entrevistados. Já a proporção de consumidores que acredita que a compra a prazo ou o acesso ao crédito está “Mais Fácil” cresceu 1,5 p.p., passando de 9,5% para 11,0% em janeiro de 2021.

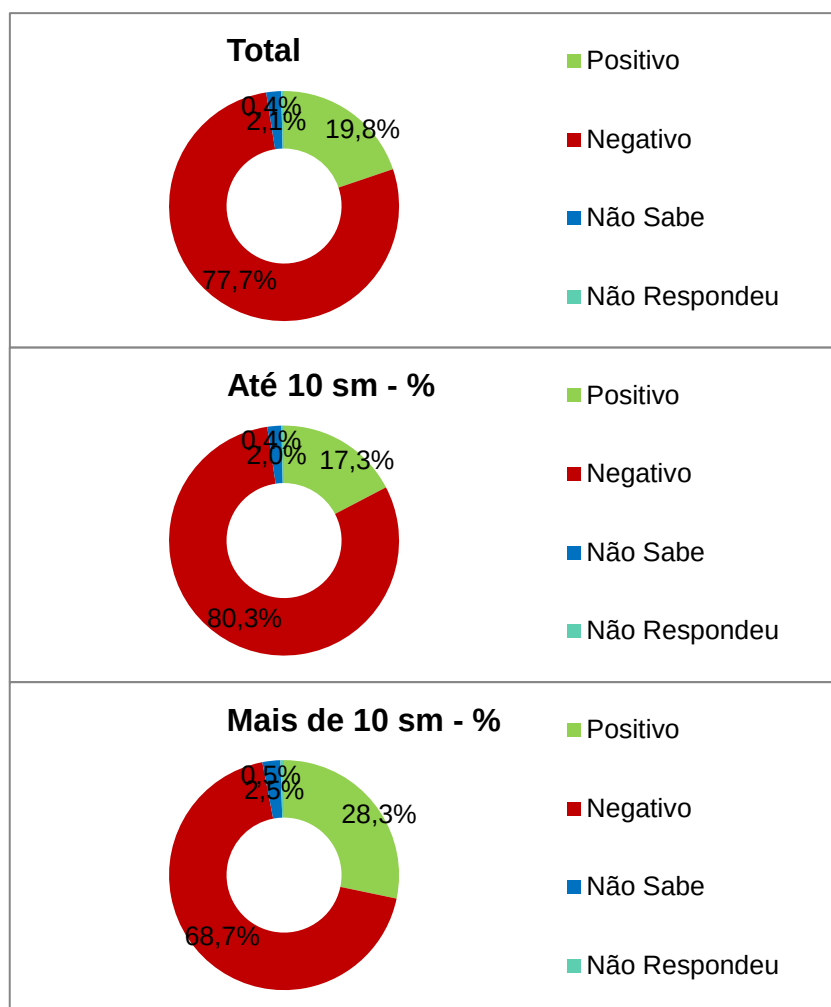
O momento para duráveis interrompeu a trajetória negativa que durava por cinco meses



seguidos ao crescer 4,8% diante do mês anterior. No comparativo anual, houve avanço de 45,4%- esse forte resultado deve-se à base de comparação muito baixa, já que em janeiro de 2021, o índice tinha atingido o menor valor da série histórica (29,0 pontos).

Importante notar que em termo absoluto, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 61 meses seguidos (desde dezembro de 2016), o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia. O indicador encerrou janeiro a 42,1 pontos. Esse nível é considerado ainda muito preocupante em termos absolutos.

A parcela de consumidores que acreditam ser um momento negativo para compras deste tipo de produto atingiu 77,7%, menor que dezembro de 2021, que foi de 78,4% e igual ao observado em novembro. A proporção dos consumidores que acreditam ser um momento positivo para essas compras alcançou 19,8, alta 1,2 p.p diante do mês anterior. O elevado patamar pessimista reflete a maior restrição no acesso ao crédito observada na prática, assim, como é uma reação por parte dos consumidores frente ao cenário de incerteza futura, que o leva a adotar uma postura conservadora no consumo, evitando realizar gastos mais vultosos e o possível comprometimento da renda



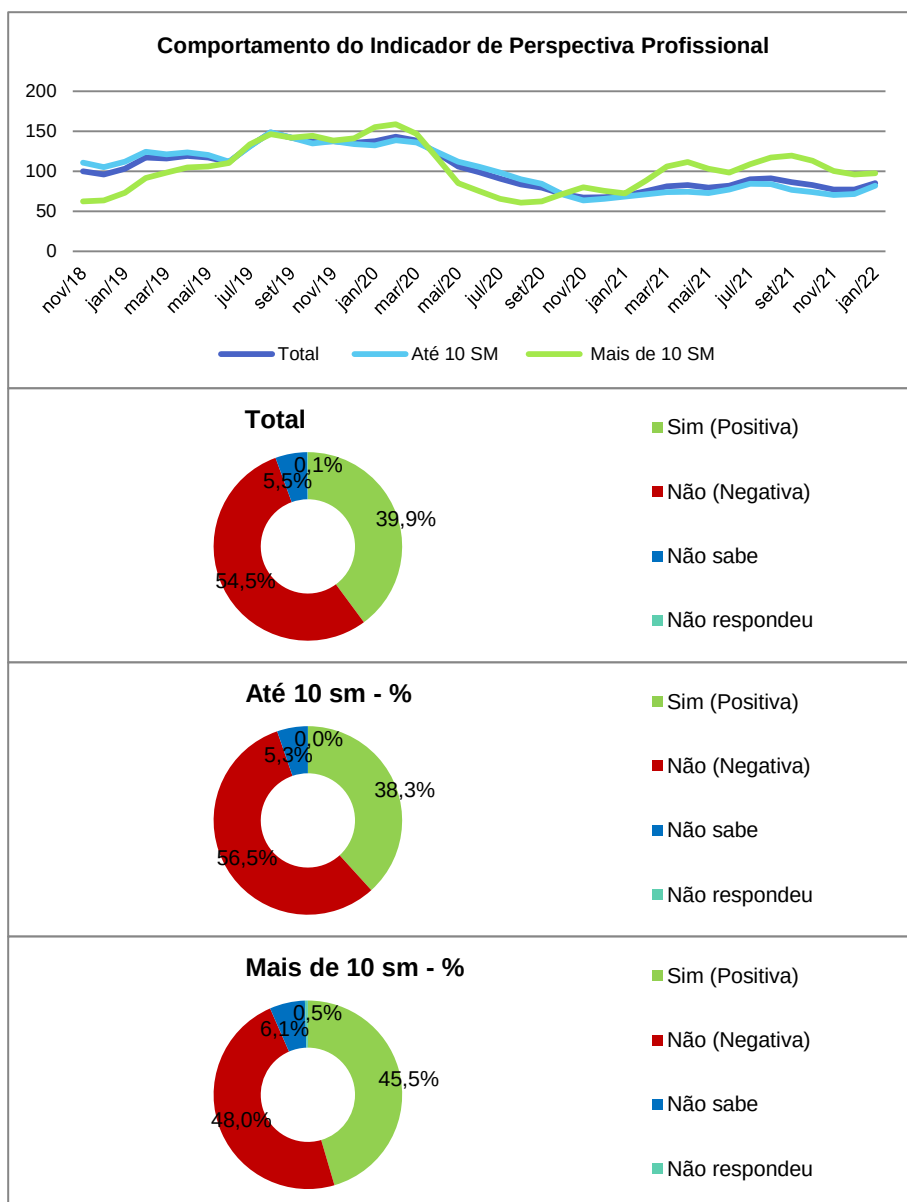
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO

O indicador de **perspectiva profissional** começou 2022 com alta de 10,63% diante do mês anterior. Esse resultado cessou o movimento de queda que durou por quatro meses consecutivos, assim, o índice reduz as perdas ocasionada pela pandemia e se torna o componente do ICF menos impactado em relação ao período pré-crise, com queda de 40,4%.

No comparativo com igual período do ano anterior, as famílias se mostram mais positivas ao acelerarem a tendência de crescimento, patamar alcançado no mês de agosto e depois de 15 meses consecutivos de quedas - assim o índice apresenta alta de 23,07%, após subir 14,0% no mês anterior. O forte acréscimo se deve a base de comparação fraca, pois em janeiro de 2021 o índice em pontos era o terceiro menor de toda a série histórica. Apesar dos resultados positivos, a perspectiva profissional está em nível de percepção pessimista, ao situar-se em 85,3 pontos.

A maior parcela das famílias (54,5%) demonstrou uma perspectiva profissional negativa em janeiro de 2022, valor inferior em 4,0 p.p. diante do mês anterior. Já 39,9% acreditam em perspectivas profissionais positivas em janeiro de 2022, alta de 4,2 p.p. diante do período anterior.

Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 SM foi muito mais duramente impactada no início da crise da pandemia, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar



(60,7 pontos, ago/2020) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos, ago/2020). Após reverter o patamar de confiança no mês de julho de 2021 ao ultrapassar 100 pontos, o índice sofreu a terceira queda seguida na passagem de 4,5%, assim, reverteu o patamar otimista para pessimistas em termos em pontos em dezembro de 2021, condição que permanecem em janeiro, mesmo com o avanço de 1,6% na passagem do mês, o índice situa-se em 97,5 pontos.

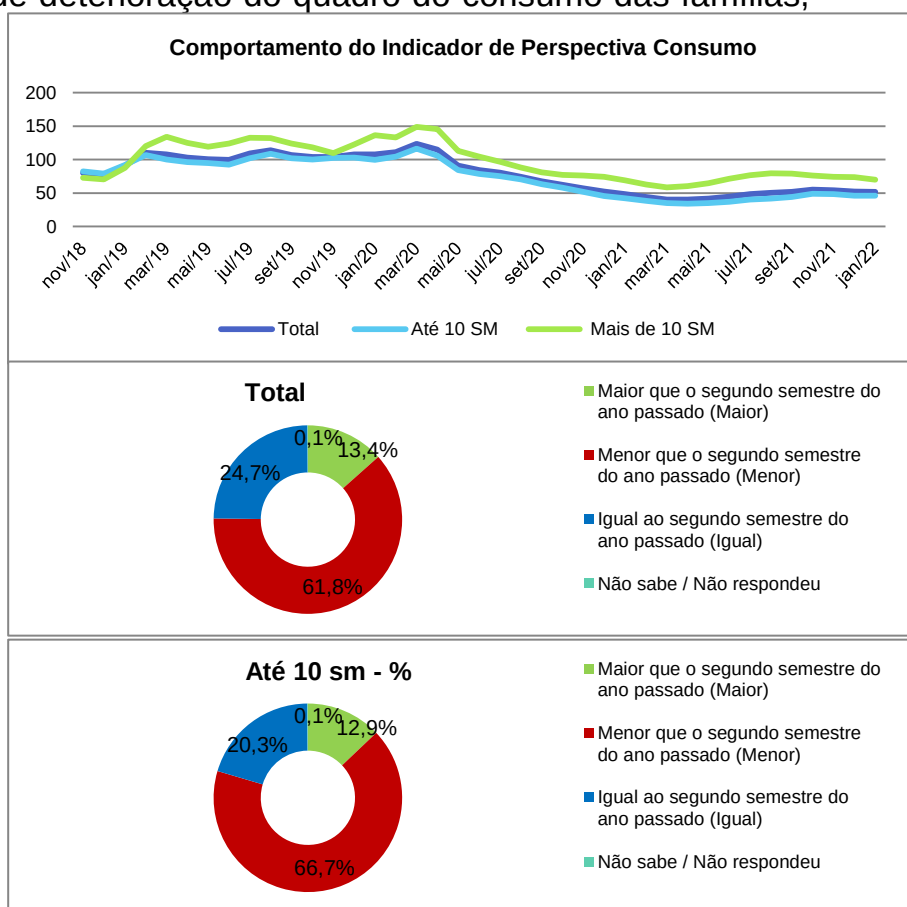
Já com relação à faixa de renda até 10 SM, as perspectivas profissionais continuam abaixo dos 100 pontos, mostrando tendência pessimista em relação à expectativa profissional, ao situar-se em 81,8 pontos. Embora esteja em nível pessimista, houve alta de 14,1% diante do mês anterior, a segunda consecutiva. Nessa faixa de renda menor, 56,5% dos entrevistados afirmam ter expectativa negativa para a profissão, enquanto na faixa maior, 45,5% indicam perspectiva positiva.

A **perspectiva de consumo** permanece em trajetória negativa ao reduzir 1,2% na passagem do mês, após cair 3,5% em dezembro e 1,7% em novembro. Essa foi a terceira queda consecutiva do componente e é um sinal de alerta, pois eleva os riscos de deterioração do quadro do consumo das famílias, já que a perspectiva futura estava minimizando quedas maiores do ICF. Já no comparativo com igual período do ano anterior, o índice apresenta crescimento de 7,02%.

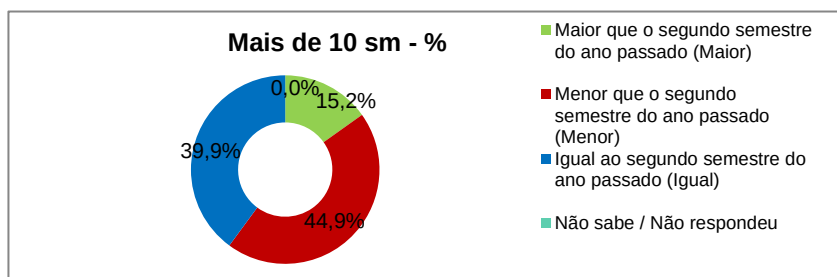
O primeiro mês de 2021 com as famílias com nível de confiança das famílias sobre o consumo futuro negativo ao considerar o índice em termos absolutos, ao

situar-se em 51,6 pontos. Outro ponto de destaque é que o nível do indicador ainda apresenta riscos futuro, pois a movimento pessimista pode persistir por diversos meses, como

foi observado durante a crise de 2016, quando chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em novembro de



2014. Além disso, o índice está 53,5% menor que o período pré-pandemia, resultado que mostra que os impactos e as incertezas persistem.



Para 61,8% dos entrevistados as expectativas de consumo para os três meses seguintes são menores, valor superior similar ao apresentado no mês anterior (61,2%). Com relação às faixas de rendas, a expectativa de consumo também é negativa para o grupo acima de 10 SM, mas os cenários são agravados para o grupo com até 10 SM, onde 66,7% das famílias têm previsão de consumo menor para os próximos meses.

METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido “p” por, no máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semi-amplitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.